

A COMUNICAÇÃO NA ERA DA TECNOLOGIA DIGITAL: A ESCRITA NO CIBERESPAÇO

*Agenor Almeida Filho**

RESUMO:

Este artigo trata as evidências de que não há mais distâncias que separem pessoas de lugares longínquos. Os ambientes virtuais de comunicação constituem o ciberespaço interativo, uma vez que se configuram em uma forma de comunicação com fonte de relacionamento. Cada meio de comunicação possui sua própria linguagem característica: a linguagem que se utiliza no rádio não é a mesma que se usa na televisão, portanto a linguagem que se utiliza nas rodas de bate-papo são distintas das utilizadas nas (*ciber*)salas de bate-papo. Assim, a Internet introduziu novas rotinas e uma nova linguagem criada pelos internautas, primando pela agilidade na comunicação. Desse modo, a cada dia, com o surgimento de novas tecnologias, o “internetês” também (re)cria novas expressões escritas reinventando um novo espaço de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente virtual. Comunicação. Ciberespaço. Escrita. Linguística.

Introdução

O homem contemporâneo tem testemunhado mudanças aceleradas resultantes da globalização. O surgimento do computador e da internet, que se constituem tanto em causas como em efeitos dessas mudanças, promoveu uma forma nova de o homem relacionar-se com a língua.

A língua se propaga através de ondas sonoras no espaço físico e, também, se materializa por palavras escritas em um meio concreto, como o livro. As formas materiais de comunicação em relação ao sistema linguístico extrapolam na direção da realização virtual, denominada de *ciberespaço*.

De acordo com a concepção de Costa (2006, p. 20), o ciberespaço é um “novo espaço de interação e produção de conhecimento humano, que se abre para todas as áreas (científica, econômica, artística, política), e a Educação não pode e não vai ficar fora dela. É um espaço de interação dinâmica”.

O ciberespaço é um novo lugar de comunicação entre os homens. A interação estabelecida no ciberespaço assume uma dinâmica própria, devido às possibilidades de ações que se podem realizar nesse espaço virtual. Segundo Costa (2006, p. 20), “A primeira das grandes mutações ou revoluções se deu com o advento da escrita. Depois veio a invenção da imprensa, do cinema, da mídia televisiva e, agora, contemporaneamente, da internet”.

Todas essas tecnologias engendraram transformações profundas na forma de relação humana e alteraram o processo de interação verbal, condicionando novas possibilidades comunicativas. Por

* Mestre em Educação. Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Araraquara.

isso, a internet é concebida como revolução, uma vez que trouxe grandes mudanças na interação social. É a representação de um novo momento comunicativo humano, em que é possível, a uma mesma pessoa, realizar as mais diversas tarefas e papéis sociais.

O usuário da internet pode, por meio dos periféricos de entrada e saída do computador, digitar textos, inserir imagens, ouvir músicas, assistir a filmes. Pode torna-se leitor, autor, distribuidor de textos, segundo a sua necessidade social. Tem-se, portanto, uma interação dinâmica realizando-se no território virtual.

[...] o advento da internet parece provocar uma mudança maior ou, talvez, uma “volta” às sociedades orais: virtualmente, mensagens são construídas/ escritas/ transmitidas/ veiculadas/ lidas *on-line* por pessoas reais em espaços diferentes, cujo contexto é o ciberespaço (COSTA, 2006, p. 21).

Na internet é estabelecida uma comunicação viva entre os usuários, operando de modo interativo em que o leitor pode ser autor, o autor pode ser leitor ou simultaneamente autor e leitor, e assim se constroem os sentidos na interação entre os usuários, diferente da escrita em suporte tradicional, em que o autor torna-se fonte de autoridade. O texto é, portanto, construído coletivamente, e não isolado, como o romance, por exemplo.

O ciberespaço condicionou a produção de uma rede de textos que aumenta a cada segundo em uma dimensão assustadora. Essa rede de textos possui uma dimensão expansiva e que concentra os mais diversos tipos de conteúdos, sendo denominado de *hipertexto*:

Cunhado, portanto, na e pela informática, o hipertexto possui uma textualidade eletrônica virtual, cujo espaço é outro; por isso, vai além do texto em seu formato tradicional. Trata-se de um texto que podemos facilmente visualizar quando acessamos a Internet (COSTA, 2006, p. 39).

O hipertexto é caracterizado por sua não linearidade, isto é, não segue uma sequência retilínea, antes é ramificado em múltiplas direções, formando o que se denomina na linguagem da informática de *links*, isto é, uma porta de acesso a outros textos que estão associados ao conteúdo do texto visualizado. Outro traço constitutivo da sua natureza é a *hipermídia*, que é entendida como um conjunto de recursos do ciberespaço que dinamizam a comunicação, recursos de natureza visual, auditiva e vários modos de organização de informação (dados). O hipertexto é dinâmico, heterogêneo, múltiplo e se constitui como um lugar de encontro das mais diversas formas de saber, sendo, portanto interativo e interdisciplinar.

O ciberespaço, portanto, constitui-se em uma nova realidade de interação humana, que ocorre em um ambiente desterritorializado. Ele é um espaço virtual de comunicação humana, dinâmico, heterogêneo, condicionando uma nova forma de relação social e comunicativa.

A escrita na comunicação virtual: formas e funções

A tecnologia da escrita revolucionou a sociedade – de tradição oral para uma sociedade letrada¹ – transformando a necessidade de ouvir em necessidade de ver: as palavras saíram do campo da audição para o campo da visão. Na contemporaneidade, a rede de computadores, em suas salas de bate-papo, possibilita a aproximação da oralidade com a escrita por meio de uma linguagem informal. Os enunciados produzidos nas salas de bate-papo são próprios de gêneros que surgem na internet. Tais enunciados

Emanam de interlocutores pertencentes a uma determinada esfera da atividade humana (adolescentes da contemporaneidade) e refletem as condições específicas e as finalidades dessa esfera, tanto por seu conteúdo (temas de interesse dos adolescentes), quanto por seu estilo verbal (lexical, fraseológico e gramatical) e principalmente quanto à construção composicional (construção de um código discursivo escrito complexo, mediado pelo computador, composto de caracteres alfabéticos, semióticos e logográficos) (PEREIRA; MOURA, 2006, p. 81).

Vale lembrar que, embora os autores façam menção apenas aos adolescentes, como se sabe, paulatinamente, outros segmentos etários foram tomando gosto por esse tipo de interação, o que fez com que esse tipo de linguagem desbordasse os limites desse grupo etário. Por isso, esta pesquisa contempla adolescentes e adultos usuários desse tipo de gênero digital.

No espaço de interação social propiciado pelo computador e otimizado pela internet surgem novos gêneros discursivos, tais como o *e-mail*, *chat*, *orkut* etc. Os gêneros do discurso são produzidos a partir das relações sociais, sendo espelho dessas relações, representações das experiências humanas, funcionando também como um instrumento de ação social. A produção desses novos gêneros no ciberespaço advém de novas necessidades de interação social.

A internet oferece, portanto, uma variedade imensa de tipos de textos que podem ser lidos ou escritos/ produzidos, ou seja, *novos gêneros (hiper) textuais* que estão presentes nesse novo espaço cultural, podem ser lidos ou construídos com os imensos recursos técnicos que o computador coloca à disposição (COSTA, 2006, p. 23).

Para entendermos a linguagem peculiar utilizada pelos sistemas de bate-papo na internet é preciso compreender o conceito de gênero do discurso proposto por Bakhtin.

Bakhtin (2003, p. 262) conceitua gêneros como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados”. O gênero é construído pela operacionalização de um processo de tipificação, em que são contempladas as diferenças e semelhanças de textos falados e escritos, seguida de uma análise e verificação de sua constituição para ser categorizado como sendo deste ou daquele tipo.

¹ A sociedade tornou-se letrada, mas não totalmente, já que a oralidade é a modalidade de linguagem básica do homem.

A tipificação dos gêneros não se restringe a uma categorização que leva em consideração apenas o texto em si, suas leis internas e forma de organização, mas é, sobretudo, um processo que considera a dimensão social, ou seja, a relação do texto com as suas condições de produção, com a história e a sociedade. É o fator externo ao texto que, em última instância, determina a sua tipificação, e não apenas a sua forma linguística.

Há um modelo previamente determinado para a caracterização de um texto, isto é, um padrão. No entanto, esse padrão é suscetível de mudanças, podendo um gênero sofrer transformações em sua própria estrutura, ou até mesmo evoluir e dar origem a outro(s) gênero(s) como, por exemplo, o gênero “carta”, que evoluiu tecnologicamente e deu origem ao gênero *e-mail*. Por isso, Bakhtin afirma que os gêneros são “relativamente estáveis”.

O autor compreende os gêneros como sendo *infinitos*. Essa infinitude dos gêneros dá-se em virtude da capacidade produtiva do homem como fonte de criação e em constante renovação; ou seja, a cada instante tornam-se manifestas novas representações semióticas geradas pelo poder criativo desse sujeito situado no tempo e no espaço. O caráter de infinitude dos gêneros revela sua diversidade. Tanto uma categoria como a outra encontram sua razão de ser no espírito humano, que tende para o infinito, e produz atividades diversificadas para atuar no mundo.

A heterogeneidade é também uma marca inerente aos gêneros. Estes não são uniformes, ou seja, não se apresentam de uma maneira única na prática social. A heterogeneidade não significa uma desorganização ou dispersão incontrolável; antes os gêneros, heterogêneos por natureza, possuem um “princípio organizador” que põe “ordem na casa”, isto é, regula as suas manifestações. Para cada situação social, um tipo de gênero do discurso será empregado, e é esse princípio organizador que regula a formação desses gêneros. A lei que determina essa formação não é exclusivamente do âmbito interno da língua (linguístico textual), mas contextual (sócio-histórico). Por isso Bakhtin diz (1997, p. 121, grifo do autor): “O *centro* organizador de toda a enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”.

Não obstante os gêneros apresentarem-se distintos quanto à composição, eles possuem um princípio gerativo que os sistematiza, lhes condiciona a forma de gênero. Logo, existe uma unidade na heterogeneidade, o que permite, de acordo com o entendimento bakhtiniano, construir uma “teoria geral da natureza dos gêneros”:

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida (BAKHTIN, 2003, p. 264-265).

Bakhtin ressalta a importância de se criar uma teoria geral que explique a natureza do enunciado, uma vez que sem o conhecimento de sua estrutura e funcionamento pode-se continuar inserido no modelo linguístico de formalismo, de abstração e de anistoricidade da língua. Isto é, pode-se continuar pensando língua enquanto abstração (*langue*) e não enquanto realização concreta da vida humana. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizem); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (p. 265).

Bakhtin (2003, p. 263) classifica os gêneros discursivos em: “primários” e “secundários”. São exemplos de gêneros secundários: romance (policial, romance), pesquisa científica (tese, dissertação, monografia), peça de teatro (drama, tragédia, comédia) etc. Dentre os gêneros primários destacam-se a réplica de um diálogo, uma carta, um recado etc.

A diferença entre os gêneros primários e secundários não se encontra na funcionalidade deles, mas sim na sua condição de produção. Os primeiros são elaborados em condições imediatas da vida cotidiana em que se usa a língua para resolver problemas práticos, não exigindo, por conseguinte, uma complexidade na sua constituição. Os segundos, por sua vez, são produzidos em contextos sociais mais complexos, como o artístico, acadêmico, jurídico etc., estando mais relacionados à modalidade escrita da língua.

A concepção de gêneros do discurso bakhtiniano é essencial para se pensar a relação entre fala e escrita numa perspectiva de língua enquanto interação social.

A necessidade de uma interação/comunicação mais rápida entre os homens possibilitou o surgimento do gênero *e-mail*. Essa necessidade é produto da forma como o homem contemporâneo construiu seu mundo, baseado na velocidade das relações, exigindo, por conseguinte, uma comunicação mais rápida. A carta – gênero que deu origem ao *e-mail* – não poderia atingir esse objetivo, haja vista que demorava tempo para a mensagem sair das mãos do emissor até chegar ao destinatário. Um novo gênero teria que emergir para atender essa necessidade; emerge o *e-mail*, que se constitui em uma evolução da carta, engendrado pela nova dinâmica social. Ele, por estar inserido no espaço cibernético, circula em uma velocidade superior à carta – que se insere no espaço geográfico –, tendo, no entanto, a mesma finalidade que essa.

Nesta pesquisa, a discussão sobre gênero do discurso se faz importante ao se pensar que a internet adquiriu, em especial no que diz respeito aos sistemas de bate-papo, uma linguagem própria, adaptada às necessidades e características desse tipo de comunicação, o “internetês”.

O “internetês” não é um novo sistema linguístico, pois não apresenta uma nova estrutura e funcionamento divergentes das línguas já existentes. O “internetês” apropria-se das regras das línguas, adequando-as à nova realidade que se apresentou: a realidade virtual. Por exemplo, a redução gráfica, que é uma das características do “internetês”, é realizada por uma necessidade que o usuário da internet sente em nível de coletividade – isto é, um fato não isolado, mas social – de realizar uma comunicação

mais rápida economizando tempo, espaço, energia, capital, que, em última instância, é uma determinação da estrutura e funcionamento da sociedade capitalista, um modo de viver marcado pelo constante processo de movimentação acelerado das relações interpessoais e institucionais.

Existe uma tendência de compreensão da linguagem da internet como uma deformação da língua, que encontra sua fundamentação na teoria que afirma que a língua está passando por um processo de decadência, um movimento de involução, em que o ciberespaço com sua linguagem é um grande contribuinte para esse processo. A linguagem gíria e demais linguagens marginais (não padrão) são apontadas, também, como causa e/ou efeito desse processo de decadência linguística. A base epistemológica dessa concepção é a visão da gramática normativa que determina o “certo” e o “errado” na língua, a qual é entendida como um sistema que apresenta uma funcionalidade perfeita, mas que é perturbado por algumas anomalias linguísticas que precisam ser retificadas. Neste sentido, a linguagem do ciberespaço é uma disfunção da língua, e precisa ser corrigida, tomando como parâmetro os princípios e regras da norma padrão culta.

No entanto, não é essa a perspectiva linguística que se adotará neste trabalho. Os métodos, regras e princípios aplicados nessa pesquisa encontram sua fundamentação na Sociolinguística, a qual rejeita a concepção de língua em que se estabelece um parâmetro de certo e errado como norteador de toda e qualquer atividade linguística. Para a Sociolinguística, o princípio fundamental e fundador da realização da língua é a heterogeneidade, isto é, a diversidade de formas de manifestação da língua, sem instauração de hierarquias discursivas, nas quais sempre uma forma de manifestação adquire mais validade do que outra, se legitimando por um fator de poder nas relações sociopolíticas. A linguagem da internet não pode ser vista como anomalia, disfunção, irregularidade ou deformação da língua, mas sim como um fenômeno linguístico, produto de uma nova realidade que se apresenta como nova forma de relação dinâmica, tecnológica e política. Sendo um fenômeno linguístico específico da contemporaneidade, deve, por conseguinte, tornar-se objeto de estudo, uma vez que está diretamente relacionado às relações sócio-históricas e culturais, constituindo-se, portanto, em um instrumento de ação e reação social e um modo de compreensão deste momento histórico.

Na linguagem da internet, a fala e a escrita fundem-se numa relação que não pode ser entendida pela concepção dicotômica da língua, pois esta visa separar de forma estanque fala e escrita. Segundo Rojo (2001, p. 63),

[...] trata-se de um discurso implicado e conjunto, cuja temática composicional e estilo se aproximam das relações ditas “orais” e dos gêneros primários do discurso. No entanto, trata-se de texto escrito, materialidade esta determinada pela mídia eletrônica, mas que também convoca léxico e estruturas heteroglossicas, de outras esferas de comunicação.

Percebe-se que o texto produzido no ambiente virtual é complexo, uma vez que não se constitui como um modelo ideal de fala ou de escrita. Mostra-se como um texto que traz em si as marcas dessas duas modalidades da língua. A autora denomina-o de um discurso implicado e conjunto. Implicado devido ao caráter de imbricamento que apresenta na relação fala/ escrita; conjunto porque não é plenamente formado pela modalidade falada, nem tampouco pela modalidade escrita, mas pela relação conjunta entre elas.

O discurso produzido no espaço cibernético, onde se encontram a interação sincrônica da fala e a materialidade da escrita, numa contingência de implicações indissociáveis, constitui um “texto híbrido”. O gênero *chat*, por exemplo, constitui-se em um modo de comunicação que faz uso da oralidade em sua forma escrita, pois o diálogo se estabelece no meio virtual. Pode-se considerá-lo como uma evolução do gênero primário denominado diálogo, no qual é estabelecida uma interação entre locutores face a face, e que depois, em virtude do desenvolvimento tecnológico, evoluiu para o telefone, abandonando o caráter presencial para realizar-se à distância, culminando nos dias atuais para a conversação virtual (*chat*), que sai de um espaço geográfico físico para a virtualidade geográfica do ciberespaço.

Os *chats* e suas implicações na fala e na escrita

Para a efetivação do diálogo através do *chat*, primeiro é necessário o computador em sua composição física (*hardware*) e lógica (*software*), fato que ainda torna inviável o conhecimento e uso desse gênero por uma grande quantidade de falantes. Além do aparato físico-lógico do computador, faz-se necessário que o usuário esteja conectado à internet, pois só assim ele pode localizar outros usuários no ciberespaço e estabelecer contato com eles. Nesse movimento de projeção virtual na internet de um indivíduo para encontrar-se com uma projeção de outro(s) indivíduo(s), a linguagem desempenha um papel fundamental, uma vez que esse canal só pode ser estabelecido por meio dela.

Além disso, devem-se possuir algumas habilidades técnicas (conhecer a linguagem específica dos internautas, seus signos, símbolos e significados), habilidades linguísticas (conhecer o sistema linguístico e as regras de funcionamento da língua em uso) e conhecimentos extralinguísticos (conhecer a realidade sociocultural). De posse de todos esses instrumentos, habilidades, conhecimentos e competências, os usuários dos *chats* podem empreender sua viagem pelo ambiente virtual.

Para compreensão dos *chats*, deve-se entender sua composição estrutural e organizacional. Devido ao *chat* ser um novo gênero que se originou na fala, ele conserva traços característicos desta; no entanto apresenta também traços da escrita, constituindo um texto misto ou híbrido:

Se assim considerarmos a categorização dos gêneros discursivos, podemos *identificar nas conversas de salas de bate-papo [chats] um hibridismo* que se dá tanto pela transformação

dos gêneros primários em secundários, quanto pelo entrelaçamento entre oralidade e escrita em um novo espaço – o ciberespacial (DEFILLIPPO; CUNHA, 2006, p. 101, grifos nossos).

O diálogo nos *chats* assemelha-se e distancia-se do diálogo presencial. A semelhança com a fala faz com que Costa (2006, p. 23) levante a hipótese de que o advento da internet é um “retorno dialético” às origens da oralidade, um reencontro entre as sociedades orais e a sociedade eletrônica digital. As semelhanças dizem respeito ao modo como é estabelecido o diálogo cotidiano, a saber, espontâneo, informal, descontraído, revelando intimidade tal como a maioria dos diálogos face a face. A comunicação é sincrônica, ou seja, acontece em tempo real mediada pelo computador. Há uma interação simultânea em que são estabelecidos turnos, um “fala/escreve” o outro “ouve/lê” cada um no seu tempo, seguindo as regras da conversação. A linguagem que se utiliza na fala é também uma característica que está presente na conversação virtual.

As diferenças consistem em que na conversa face a face (fala) a realidade é “real” – no sentido de concreta, material –, enquanto que na conversação no *chat*, a realidade é virtual, isto é, dá-se num espaço desterritorializado, cibernético; a interação entre os interlocutores ocorre face a face (presencial) na fala, enquanto que na conversação internáutica é virtual, ou seja, ocorre no ciberespaço. Na conversação face a face, a língua manifesta-se em sua modalidade falada, no entanto na conversação virtual, ela apresenta-se em forma escrita (MARCUSCHI, 2003, p. 24).

A organização textual dos enunciados dos *chats* dá-se da seguinte maneira:

- uso de dêiticos – para situar os interlocutores, o espaço e o tempo;
- linguagem espontânea, coloquial – identificação com o diálogo cotidiano distenso;
- períodos curtos e simples – em virtude da rapidez da comunicação;
- presença de marcadores conversacionais – recursos verbais, não verbais (riso, gesticulação) e supra-segmentais (pausa, tom de voz). Esses recursos apresentam-se de maneira bem específica nos *chats*, diferente de sua manifestação na fala. Tais mecanismos se apresentam na forma de:
 - *emoticons* (carinhas, caracteretas) – recurso usado para expressão de sentimentos e sensações, tais como raiva, alegria, tristeza etc.
 - letras maiúsculas – recurso usado para exprimir a elevação da tonalidade da voz. Por exemplo: FELIZ NIVER (feliz aniversário em tom alto, como representação de uma parabenização bem calorosa).
 - letras pequenas – recurso empregado para representar uma “fala” baixa, murmúrio.
 - alongamento de vogais e consoantes – recurso utilizado para significar a intensificação de uma palavra ou idéia. Por exemplo: te amooooooooo!!! Significando uma demonstração de amor intenso.

Concordamos com Bernardes e Vieira (2005, p. 46), para quem o *chat* é concebido como uma conversa espontânea, mas que, devido às suas condições de produção via computador realiza-se com o suporte da escrita reestruturada, portanto, em outros moldes que não os de uma conversação que se realiza face a face.

A escrita no ciberespaço

A internet possibilita um fluxo rápido e contínuo de informação. Ao mesmo tempo em que uma informação chega ao destino numa fração de segundos, essa mesma informação pode viajar o mundo inteiro e ir ao encontro de um grande número de outros destinos.

No momento, a Internet integra mais de 40 milhões de usuários diretos em mais de 50 países. Outras redes, como EARN, BITNET, UseNET, NewsNet, FidoNET ou CompuServe, America On-line etc. dão acesso indireto, via “*gateways*”. Na área científica, grande parte do intercâmbio de conhecimentos e sua discussão já acontece hoje na Internet, seja por contato individual mediante correio eletrônico (*e-mail*), seja por “e-mail coletivo” nos mais de 6.000 grupos de discussão de assuntos específicos da UseNET, e, cada vez mais, pela WWW, com a facilidade de abranger informações em formato multimídia (imagens, sons, vídeos) (WEININGER, 1996).

A velocidade na comunicação, produzida pela internet, fez surgir uma linguagem que se adequou às necessidades da internet, o “internetês”, que é repleto de expressões, abreviações que não respeitam as regras de ortografia. O “internetês” cria seus próprios vocábulos, diminuindo palavras e tirando acentos e pontuações, com a desculpa da velocidade da interação comunicativa e de que o importante é entender e ser compreendido.

Os meios de comunicação possuem sua própria linguagem característica: a linguagem que se utiliza no rádio não é a mesma que se usa na televisão. Não fugindo a esta regra, a Internet, introduziu novas rotinas e uma nova linguagem criada pelos internautas, primando pela agilidade da comunicação. E, a cada dia, com o surgimento de novas tecnologias, o “internetês” também vai criando novas expressões.

O “internetês” caracteriza-se por uma linguagem escrita que suprime vogais e a acentuação com o intuito de se aproximar da linguagem oral; além do encurtamento das palavras, outro artifício utilizado pelos internautas são os recursos gráficos, como ponto de exclamação, parênteses, enfim, símbolos que são compreendidos pelos usuários, pois formam desenhos, *gifs*², etc. Muitos falam que o “internetês” é um código desenvolvido por adolescentes com a intenção de reforçar a identidade do grupo, porém com a difusão da Internet o acesso a este código também passa a fazer parte da vida da grande maioria que usa a rede mundial de computadores, independente de idade.

² Os *gifs* são imagens que possuem movimento.

O natural da língua é ela mudar, se transformar. Só que para saber usá-la, segundo as mudanças, é preciso conhecer o básico da linguagem, assim como acontece com palavras e expressões que são modificadas e/ou introduzidas na língua padrão. Um exemplo disso é a expressão “Vossa Mercê”: antes utilizada no tratamento dado a pessoa de cerimônia, hoje tem a forma “você” e destina-se a tratamentos informais, e pode acontecer que no futuro a forma “vc” não se apresente tão estranha quanto é, para alguns, hoje.

Um fato mundial que pode exemplificar as mudanças ocorridas em uma língua é o futebol, que é um esporte de origem inglesa que foi introduzido no Brasil por Charles Miller, em 1894. É natural que com a importação do jogo, se importassem também os termos relativos à sua prática: *goal*, *match*, *score*, etc.; com a popularização do futebol no Brasil, a maioria dos termos usados nesse esporte se aportuguesaram ou foram substituídos por palavras de origem vernácula. *Football* virou “futebol”; *match*, “partida”; *off-side*, “impedimento”; *back*, “beque” etc.

Assim como no futebol, o computador fez com que incorporássemos termos relativos a ele: *software*, *windows*, *word*, etc. Com a popularização do computador e por conseguinte da Internet, muito mais termos foram e/ou estão aportuguesados ou substituídos por palavras da língua portuguesa: em vez de *download*, também se pode usar (e se usa) “baixar”, entre outras.

Ou seja, a língua se modifica no tempo, palavras novas das mais diversas origens são incorporadas ao idioma e logo são absorvidas pelos usuários/falantes, que passam a utilizá-las no seu processo diário de comunicação. E a tecnologia possui essa exigência da criação de novas palavras.

A popularização do correio-eletrônico ou *e-mail* impulsionou dois fenômenos ligados à linguagem usada na comunicação na Internet, que se expandiram para os programas de mensagem instantânea como *MSN Messenger*, considerado o mais popular, que teve mais ênfase nos anos 90. Outro programa que também ocasiona grande impacto é o site de relacionamentos ORKUT.

O primeiro fenômeno foi a adaptação da língua portuguesa e conseqüentemente criação de palavras. Essa adaptação chegou a fazer com que um canal de televisão por assinatura criasse, em 2005, o *Cybermovie*, que passa filmes com legendas com termos como *kde* (cadê) e *9dades* (novidades). Para alguns pesquisadores, as abreviações em mensagens pela Internet não se devem apenas à economia de tempo na comunicação, mas também por preguiça e modismo (INAGAKI, 2005).

Pessoas adeptas da Internet, inicialmente usuários assíduos, com muita ousadia, criaram, a despeito das normas gramaticais, vocábulos, encurtando palavras, tirando acentos e pontuações, tornando a comunicação menos formal, em salas de bate-papo, por exemplo.

O outro fenômeno, também ligado à tentativa de amenizar a formalidade, transformou as mensagens na rede em sistemas gráficos híbridos de representação. Trata-se da inserção dos chamados “*emoticons*”, que nasceram com a adaptação de recursos do teclado do computador para expressão de

sentimentos como alegria :) ou tristeza :(e evoluíram para animações gráficas prontas para o consumo imediato do usuário em conversas eletrônicas.

O emprego de *emoticons*, abreviações e neologismos pode ser pensado como modo de caracterizar e identificar comunidades de escreventes da língua, em oposição a outras comunidades, como se faz em diversas outras atividades humanas. O emprego dessa linguagem na internet apresenta formas divergentes e convergentes ao português padrão. Diante disso, seria possível dizer que para cada grupo de internautas, de determinada faixa etária, sexo, grau de escolaridade e região do Brasil, haveria uma identidade linguística mediante os recursos utilizados nas salas de bate-papo?

Com o tempo, essa comunidade vai organizando e produzindo um conjunto particular de usos de linguagem, por meio de novos signos ou símbolos, que a distingue de outros grupos e comunidades. O signo é a unidade de qualquer sistema de comunicação. Os signos, por exemplo, são utilizados na rede de computadores para atender às mais diversas necessidades, desde uma conversa simples a uma interface de última geração. Portanto, assim como nos mais variados universos físicos, num contexto virtual, o signo teria a função de gerar uma significação, segundo esse contexto de comunicação. Um signo utilizado em *chats* pode ser modificado para atender a funções interativas, de ordem puramente tecnológica. Ele funciona como representação de uma realidade ou de um estado dessa realidade. A relação que se estabelece entre um signo verbal (palavra) e um não verbal (*emoticons*, ícones, imagens etc.) se complementa num bate-papo. Os *emoticons* são pistas não verbais que o indivíduo utiliza para que outro indivíduo possa manter um certo envolvimento conversacional. Esses recursos, elencados no quadro a seguir, são usados como representação de um sentido.

Fumante	:-Q	Feliz	:-)
Irônico, piscando o olho	,-}	Dengoso	;^)
Usando walkman	[:-)	Tampinha, feliz	:)
Cochichando	:-”	Uma garotinha	8:-)
Pirata	P-(Piscando o olho	,-)
Cético	:-/	Mulherão	:-)8<
Abraços	[]s	Exultante	(:-)
Sarcástico	:->	Tagarela	:-0
Um novo pequeno amigo	:	Muito triste	(:-(
Berrando	:-V	Mente como Pinóquio	:----}
Dizendo com sorriso	:-d	Triste, chorando	;-((:-(
Indeciso	:-\	Deslumbrado	#-)
Sorriso charmoso	:-7	Chorando	:(

A cada dia, mais pessoas estão se comunicando através da língua escrita, e tal prática está fazendo com que a língua se modifique para atender as necessidades dos usuários. Inegavelmente, existem povos que usam a mesma língua, embora em variedades diferentes, como por exemplo, brasileiros e portugueses. Seguindo essa linha de raciocínio, cada segmento de nossa sociedade, assim como cada indivíduo, tem a sua forma de se expressar. Nesse sentido, a *Internet*, a maior rede de comunicação e informação criada pelo homem, por meio dos recursos e ambientes de comunicação que oferece, criou condições para o surgimento de uma nova variedade da língua, o “internetês”. Hoje, mais de um milhão de pessoas no Brasil utiliza a *Internet*. Todos os dias, milhares de novos brasileiros se conectam a essa enorme rede. Cada vez, mais e mais pessoas estão acessando as chamadas "salas" de “bate-papo”. Cada vez mais pessoas vão aprendendo o “internetês”, o linguajar dos *internautas*.

O uso de “internetês” numa sala de bate-papo não significa que será uma prática em todas as esferas da sociedade. O problema não é existir o “internetês” na vida do jovem, mas sim existir só ele como prática significativa.

Compreender então essa nova forma de linguagem, sabendo discernir onde e em que meio ela deve ser utilizada, é uma forma de não ocasionar conflitos entre norma-padrão e alternativas não padrão na sociedade contemporânea.

COMMUNICATION IN THE AGE OF DIGITAL TECHNOLOGY: WRITING IN CYBERSPACE

ABSTRACT: This article discusses the evidence that there are no more distances that separate people from faraway places. The virtual environments of cyberspace communication is interactive, as configured in a form of communication with a source of relationship. Each medium has its own characteristic language: the language that uses the radio is not the same as that used in television, so the language that is used on the wheels of chat are distinct from those used in (cyber) chat rooms chat. Thus, the Internet has introduced new routines and a new language created by Internet users, excelling in agility in the communication. Thus, each day, with the emergence of new technologies, the Internet "also (re) creates new expressions written reinventing a new means of communication

KEYWORDS: Communication. Cyberspace. Virtual Environments. Writing, Linguistics.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula M. Teixeira. O *chat* como produção de linguagem. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 45-64.

COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora: EDUFJF, 2000.

_____. *Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSTA, Sérgio Roberto; FREITAS M. T. de A. (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

DEFILLIPPO, Juliana Gervason; CUNHA, Patrícia Vale da. Por que *nickname* escreve mais que realname? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção Freitas; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

INAGAKI, Alexandre. *Cyber movie, o dilema*. Texto publicado originalmente em 01/03/2005. Disponível em: <<http://www.interney.net/blogs/inagaki/2005/12/10cyber/>>. Acesso em: 9 ago. 2009.

MARCHUSCHI, Luiz Antonio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. São Paulo: Mercados das Letras, 2001.

_____. Oralidade e letramento. In: _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-43.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, Ana Paula M. S.; MOURA, Mirtes Z. da Silva. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais. In: FREITAS, Maria Teresa de A. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, Inês; MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

WEININGER, Markus J. *O uso da Internet para fins educativos*. 1996. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~uriel/internet.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2009.

Recebido em 26/02/2010

Aprovado em 04/05/2010